Contemporâneos
Revista de Artes e Humanidades
nº11
nov2012
abril2013

Haiti: o discurso midiático e a (re)produção das identidades

Alex Donizete Vasconcelos[1]

Resumo:
Vivemos atualmente no que se convencionou chamar de *mundo globalizado*, num período caracterizado pela desterritorialização das fronteiras e pelo descentramento dos sujeitos. Tornamo-nos sujeitos da era da informação e da comunicação, do discurso midiático. Característico dessa nova temporalidade, em seu fluxo ininterrupto e exponencial, esse discurso agencia a superação de determinados limites que outrora pareciam intransponíveis, (re)produzindo e perpetuando ao mesmo tempo, outros que, ligados a uma historicidade outra, permanecem incólumes. O Haiti, suas identidades e representações, são um claro exemplo do poder performático desse discurso. O Estado e o povo haitiano permanecem atrelados a um discurso que, longe de libertá-los, os fez reféns, expectadores de sua própria história.

Palavras-chave: Discurso, identidade, Haiti, mídia

Haiti: media discourse and the (re)production of identities

Abstract:
Nowadays we live in a period which is conventionally called globalized world, a time characterized by the deterritorialization of the borders and the decentering of the social subjects. We become actors of the information and communication age, the media discourse. Characteristic of this new temporality, in its uninterrupted and exponential flow, this discourse to make possible an overcoming certain limits that once seemed insurmountable, producing or reproducing and perpetuating at the same time, others linked to the historicity another, do not silence. Haiti, its identities and representations, are a clear example of the performative power of this kind of discourse. The Haitian State and people remain tied to a discourse that is far from freeing them, it made them hostages, spectators of their own history.

Keywords: Discourse, identity, Haiti, media

[1] Mestre e Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Atualmente desenvolve pesquisas que tem como foco a temática identitária Haitiana contemporânea, buscando compreender seu objeto a partir dos referenciais teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, atendo-se principalmente ao estudo dos discursos midiáticos. E-mail para contato: advasconcelos@ig.com.br

Introdução

> *O mundo dos brancos diz que quer fazer alguma coisa, mas o que faz, além de nutrir seus telejornais com fotos miseráveis que só fazem alimentar a satisfação autocentrada dos países ditos ocidentais? (THOMAZ, 2010, p. on-line)*

Vivemos no que se convencionou chamar de *mundo globalizado*, num período caracterizado pela desterritorialização das fronteiras e pelo descentramento dos sujeitos[2]. Testemunhamos, sobretudo nas últimas três ou quatro décadas, profundas alterações sóciopolítico-econômicas, muitas das quais ainda em curso. Tornamo-nos partícipes de um processo dinâmico, irreversível e irrefreável, onde determinadas noções e conceitos foram definitivamente superados, deixando, por vezes, um vazio que urge ser preenchido. Compartilhamos um mundo que se distingue pela sua fluidez, no qual o binômio espaço-tempo deixa de ser determinante, sobretudo no que diz respeito à informação e a comunicação. Vivemos na *era da informação e/ou da comunicação*.

A informação, seu fluxo constante, ininterrupto e exponencial, agencia essa superação de limites e fronteiras. Muitos destes já não são percebidos, outros tornam-se, aos poucos, indistintos e por vezes irrelevantes. Sob essa perspectiva tornamo-nos novamente habitantes de pangéia, estamos interligados, informalmente conectados.

Em tempos de globalização, onde a comunicação e a informação insurgem como indispensáveis, estratégicas até, não só a nível institucional, mas também para os indivíduos, ou para grupos de indivíduos - em seus relacionamentos virtuais, através das redes sociais -, determinados setores, ligados a sua produção e disseminação, verdadeiros gestores da informação, se destacam. É inegável, não só nos dias de hoje, mas já há algum tempo, o papel da imprensa e da mídia na mobilização e na condução das mais variadas demandas sociais, de diferentes parcelas da sociedade, orientando invariavelmente seus valores, desejos e necessidades, o que reflete, incontestavelmente, na produção/reprodução e conformação de determinadas identidades e representações.

Essas identidades constroem-se a partir de determinadas práticas discursivas, que são, antes de tudo, campo de acirradas disputas e embates político-ideológicos, em que o que está em jogo é, no mais das vezes, a delimitação de um espaço de influência e poder. A imprensa, e a mídia de uma maneira geral, por meio de

[2] Ver HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

uma ampla difusão e emprego das tecnologias da informação e de comunicação, participam ativamente desse processo de produção e conformação de identidades, estabelecendo novos paradigmas identitários, ao mesmo tempo em que recobre outros, através de um jogo no qual há um tensionamento constante entre a história, a memória e o esquecimento.

À história, e ao historiador, são colocadas cotidianamente novas questões e novos desafios, para as quais, algumas vezes, não há ainda um domínio muito bem estabelecido ou um arcabouço epistemológico e metodológico capaz de responder adequadamente, e em tempo oportuno, a essas demandas sociais.

Buscaremos analisar algumas dessas questões nos limites dessa pequena produção. Questões ligadas a essa história da qual somos partícipes, conhecida por história do presente; ao discurso – em especial ao discurso midiático – e das identidades que a partir daí se constroem, buscando balizar essas análises a partir de um percurso que há algum tempo estamos trilhando e que tem como temática principal a história haitiana contemporânea, ou presente.

Desenvolvimento

O Haiti, antiga colônia francesa, é um pequeno país, com aproximadamente 28.000 Km², com cerca de nove milhões de habitantes, negros em sua esmagadora maioria, situado na parte oeste daquilo que o colonizador batizou inicialmente de Hispaniola[3]. Este pequeno país ficou conhecido historicamente, sobretudo, por ter levado a cabo um processo de independência que não conheceu precedentes, tornando-se o primeiro país do mundo a se tornar independente, em 1804, por meio de uma luta empreendida por escravos negros, dando ensejo ao que ficou conhecido como a Revolução Negra (1791-1804). Ademais, talvez como reflexo dessa peleja singular, o país é costumeiramente lembrado na literatura por determinadas práticas culturais, como a prática do *Vodu*[4], pelos desdobramentos de sua intrincada política e por uma profunda

[3] A ilha na qual está localizado o Haiti, conhecida por Quisqueya pelos índios Tainos, foi batizada por Cristovão Colombo de Hispaniola, vindo a se chamar, algum tempo depois, Ilha de Santo Domingo. É uma das Grandes Antilhas (Cuba, Santo Domingo, Porto Rico e Jamaica), e possui uma área aproximada de 76.000 Km², dos quais 27.750 Km², aproximadamente um terço de sua porção ocidental, são ocupados pelo Haiti, sendo os outros dois terços pertencentes à República Dominicana, num total de 48.442 Km², do lado oriental. A população estimada da ilha é de cerca de dezenove milhões de habitantes, sendo destes, aproximadamente nove milhões de haitianos.

[4] O Vodu constitui-se em uma tradição religiosa trazida da África e bastante difundida no Haiti. A prática do vodu confunde-se com a chegada dos contingentes africanos ao Haiti e passa a expressar, em

crise econômica que resultou num quadro de extrema pobreza e miséria que lhe rendeu o jocoso título de país mais pobre das Américas.

Nossas inquietações acerca da questão haitiana remontam ao período em que realizávamos nossas primeiras pesquisas acerca de determinados discursos produzidos sobre a América, que tinham como mote um discurso racista e colonizador dirigido ao outro, fosse ele o que aqui já se encontrava por ocasião da chegada dos colonizadores, aqueles que para cá foram trazidos, por motivos diversos, ou ainda os *criollos*, descendentes da miscigenação entre europeus e os autóctones.

Percebíamos, já em nossos primeiros contatos com esses textos, a prevalência de um discurso que reservava aos que aqui estavam/habitavam apenas um papel secundário e marginal, colocando-os como expectadores de sua própria história, ou, o que nos deixava ainda mais inquietos, como povos inferiores e/ou degenerados.

O Haiti sai da Revolução que garantiu sua independência administrativa da França com sua infra-estrutura praticamente destruída. Se antes da revolução a colônia era conhecida como Pérola das Antilhas - pelo fato de ser, por longo tempo e ao custo de milhares de vidas, a colônia mais rentável da França, destacando-se como uma das maiores produtoras mundiais de açúcar, suplantando o Brasil inclusive -, após a revolução, a história toma outro rumo. Tendo travado uma luta desigual contra França, Espanha e Inglaterra, o Haiti sai da revolução em 1804 não só com um enorme déficit financeiro, mas também com um estigma que ainda hoje pesa sobre seu povo e que teve, e ainda tem, severas consequências sóciopolíticas e culturais. Falamos de um discurso que não silencia e que ainda ecoa nas terras de Toussaint de L'Overture[5].

alguma medida, com o passar do tempo, a resistência e a força da cultura negra. É, em grande parte, por meio dos rituais e da prática desse 'culto bárbaro' que os haitianos organizar-se-ão para tornarem-se independentes.

[5] Um dos principais líderes da Revolução Haitiana.

Imagem 1 – Revolução Haitiana: subversão da ordem

Esses discursos racistas/colonialistas foram muito comuns a partir do último quartel do século XVIII e maior parte do XIX, cumprindo um papel instrumental e segregador, fundamental para o desenvolvimento e a manutenção de um *status quo* que era condição *sine qua non* para que uma determinada identidade, eurocêntrica, se sobrepusesse, justificando, em detrimento dos interesses e aspirações de uma esmagadora maioria, toda a sorte de atrocidades que ainda hoje repercutem sobre o Haiti, e não só lá.

Interessa-nos, neste momento, tratar de um discurso que, apesar da distância espaço-temporal, guarda com aquele uma relativa proximidade, se não uma insensata promiscuidade, principalmente no que diz respeito ao seu escopo. Trata-se do discurso midiático dirigido ao Haiti, país que, corroborando sua tortuosa trajetória, atualmente encontra-se sobre intervenção das forças da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH)[6], com um contingente aproximado de 10.000

[6] Em sua resolução 1542 (2004), de 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU estabeleceu a

militares e outros tantos civis, e que em dezembro de 2010, agravando ainda mais um quadro que já era precário, foi atingido por um violento sismo que praticamente destruiu a parca estrutura estatal e vitimou aproximadamente 230.000 pessoas.

Os discursos são pensados aqui como uma prática, um lugar de lutas e confrontos, "[...] o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam (quem fala, fala de algum lugar, baseado em um direito reconhecido institucionalmente)" (GREGOLIN, 2007, p. 14). O discurso é o espaço onde o linguístico e o histórico se entrecruzam, a partir de onde o ideológico mobiliza o social, o "[...] discurso implica um exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística." (FERNANDES, 2005, p. 20). É a partir dessa base, dessa prática, que determinadas representações e efeitos identitários podem ser pensados e construídos.

Discurso e identidade são dois conceitos que estão imbricados, concorrendo para que de determinados espaços de influência, caracterizados pelas relações de poder que neles se desenvolvem, sejam delineados e se estabeleçam. O discurso midiático é um gênero discursivo que encerra uma ampla gama de recursos e destacam-se, sobretudo, pela fluidez com que são produzidos e disseminados, produzindo determinadas demandas, não só por bens, no caso das propagandas, mas também por espaço, por identidades.

> Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma "história do presente" como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. (GREGOLIN, 2007, p. 16)

O discurso midiático notabiliza-se também por ser completo e autorreferencial, isto é, fala a partir de si mesmo, não havendo assim um espaço de interlocução, constituindo um jogo de espelhos. A mediação entre o fato/acontecimento e o leitor/expectador, outrora pretendida, dá lugar em nossos dias, a um movimento cíclico que tem seu início e seu fim nas edições e nos departamentos de notícias dos

---

Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH) por um período inicial de seis meses, com a intenção de prorrogá-la, e pediu que a autoridade da Força Multinacional Provisória (FMP) fosse passada a MINUSTAH, em 1° de junho de 2004. A MINUSTAH, comandada por um *Forcer Commander* brasileiro e contanto com dois Batalhões de Infantaria de Força de Paz, perfazendo um to tal aproximado de mais de 1700 militares brasileiros, permanece no Haiti até o presente momento, sendo motivos de discussões que não cabem nos limites do presente artigo, sobre sua caracterização como força de ocupação ou de intervenção, dividindo opiniões dentro e fora do Haiti.

grandes conglomerados da comunicação.

A história presente, assim como determinadas identidades históricas, passa a ser formatada e percebida, como nos diz Gregolin (2007), a partir do discurso midiático que tensiona – por meio de movimentos minuciosamente orquestrados e de uma profusão de meios -, a memória e esquecimento, dando ensejo a representações no mais das vezes desprovidas de historicidade e a determinados estigmas que em virtude de seu caráter performativo e também por aquilo que Derrida (DERRIDA apud SILVA, 2009, p. 94-95) chamou de *citacionalidade*, ou seja, da sua repetição, de sua capacidade de repetição, se perpetuam.

É a partir dessas questões, e da materialidade de nosso objeto, que fomos levados a pensar as identidades haitianas, sobretudo no que diz respeito ao tempo presente, marcado pela intervenção das tropas da MINUSTAH em 2004; intervenção esta que se desenhou a partir do vazio de poder verificado após a fuga do país do ditador Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, filho de François Duvalier[7], o Papa Doc, em 1986, e das sucessivas crises que culminaram com a deposição do presidente eleito Jean-Bertrand Aristide[8], em fevereiro de 2004.

Tais identidades são pensadas a partir de uma realidade discursiva presente em diversos veículos midiáticos que abordam a questão haitiana. Compartilhamos de um conceito de identidade cultural, não essencialista, pensado em sua processualidade, que toma forma a partir da imbricação de estruturas narrativas e discursivas circunscritas em espaços de disputa e enfrentamentos, onde se estabelecem determinadas relações de poder.

---

[7] François Duvalier, conhecido como Papa Doc, governou o Haiti através de um regime ditatorial no período de 1957 a 1971, tendo se tornado presidente vitalício do Haiti em 1964, através de uma reforma constitucional. Ficou conhecido principalmente pelo seu caráter violento, por sua subserviência as políticas do governo estadunidense e pela instituição de uma força paramilitar conhecida como *Tonton Macoutes*, alguma coisa como Bichos-Papões em português, que "estabilizaram" o Haiti por um longo período através da *paz dos cemitérios*. Papa Doc morre em 1971, depois de, através de um novo arranjo político, fazer de seu filho, Baby Doc, seu sucessor e também presidente vitalício do Haiti. Essa situação que duraria até 1986, quando seu governo fica insustentável e amplos setores da sociedade haitiana se mobilizam para destituí-lo do cargo.

[8] Jean-Bertrand Aristide, ex-padre católico e ex-presidente do Haiti. Governou o Haiti nos períodos de 1991 a 2005 (a maior parte *in absentia*) e de 2000 a 2004, quando teve que abandonar ou foi retirado do país por forças estadunidenses. O período em que Aristide esteve a frente da política haitiana foi um período de graves crises e convulsões sociais e foi explorado em um outro trabalho que realizamos em 2010. Para saber mais ver VASCONCELOS, Alex Donizete. A MINUSTAH e a alteridade: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010). 2010. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

> a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2009, p. 96)

Optamos, devido a uma questão de método, no que se refere à constituição de um *corpus* discursivo a partir do qual essas identidades aflorem, por analisar alguns discursos publicados na forma de artigos e reportagens, veiculados pela Folha de São Paulo, no período de 2004 a 2010. Esta opção não está ligada, por ora, a qualquer outra questão que não seja a representatividade e o volume[9] de material produzido e publicado pela Folha no período.

Como afirmamos anteriormente, os discursos acerca do Haiti caracterizam-se principalmente pelo viés negativo e pejorativo que apresentam. Com o passar do tempo esses discursos, incansável e orquestradamente disseminados e citados, acabam se constituindo em marcos referenciais para se pensar o Estado e o povo haitiano. Os registros dessa tendência podem ser observados na literatura atinente ao assunto. O poder do simbólico pontua a história do Haiti praticamente desde seu processo de independência, marcado, como já vimos, pela Revolução Haitiana.

Desenvolve-se, a partir desse marco histórico, o que se convencionou chamar de *haitianismo*, termo que define, em um primeiro momento, o temor alimentado pelas elites em função de uma leitura enviesada dos acontecimentos observados no Haiti, sobretudo com relação ao poder, à influência e à capacidade de organização da população negra e posteriormente um sentimento de abjeção e repulsa para com o haitiano, "Os argumentos anti-haitianistas disseminaram-se a partir da revolução dos escravos e da luta pela independência do país, representando a abjeção ao haitiano uma espécie de continuidade dessas proposições." (SCARAMAL, 2006, p. 7).

O desenvolvimento desses argumentos contribuiu para que a revolução haitiana tomasse um vulto que certamente, não fosse o ranço racista e colonialista de que estavam impregnados no pensamento e discurso colonial, esta não teria tomado.

[9] Segundo dados auditados pelo Instituto Verificador de Circulação, (IVC), suas tiragens giram em torno de 343.281 exemplares aos domingos e 290.276 nos dias úteis, com uma média de 297.848 exemplares de segunda a domingo; é importante salientar que esses números se referem apenas à mídia impressa, não considerando aqueles que, como nós, se utilizam de meios eletrônicos – internet -, para ter acesso às informações. No período analisado a Folha publicou mais de 400 tópicos referentes ao Haiti, um número bem superior a qualquer outro veículo de comunicação brasileiro.

> A propaganda do Haiti se espalharia pelas Américas já nos últimos anos do século XVIII e avançaria firme no século XIX. Houve um impacto da Revolução de São Domingos e da Francesa nas colônias francesas e regiões vizinhas. Navios vindos do Haiti ou mesmo com tripulações de negros dali originários provocavam apreensão. Havia tanto uma circulação na experiência da sedição como uma avaliação temerosa de autoridades [...] quanto à possibilidade de articulação entre tal experiência e a subversão no contexto do final do século XVIII. (GOMES, 2002, p. 209)

É por meio - e a partir -, da revolução e do aparato simbólico e discursivo dela proveniente que o Haiti é apresentado - e representado -, ao mundo como um país de negros insurretos, bestializados e satanizados. Talvez "[...] muitos historiadores tendem [tendam] a aumentar a importância e o impacto do Haiti em outros mundos". (NISHIKAWA, 2005, p. 2). Acreditamos que não se trata de uma simples tendência de historiadores.

Houve sim, a partir da inversão da ordem colonial levada a cabo pelos revolucionários - o que não implicou a negação do modelo -, a construção de um discurso que, longe de silenciar os ecos da revolução, deu-lhe voz, estigmatizando um povo e sua cultura, contribuindo para que uma determinada identidade discursiva se impusesse: "A revolução dos escravos no Haiti foi demonizada porque representou a inversão da ordem estabelecida. Negros submetendo brancos, escravos submetendo senhores" (SCARAMAL, 2006, p. 13). A história do Haiti pós-revolucionário é marcada por um ostracismo político e econômico que deixaram profundas cicatrizes que, ainda hoje, são muito evidentes.

Esse discurso, apesar do hiato temporal decorrido desde a Revolução, não perdeu força. Se perdeu, em determinados momentos, não silenciou. Em alguns dos discursos publicados na Folha de São Paulo, no período supracitado, os rumores anti-haitianistas ficam evidentes e deixam transparecer todo o seu poder. O Haiti passa a figurar na mídia simplesmente como um país de negros, débil, caótico e totalmente dependente da ajuda internacional. É essa imagem que orienta os discursos produzidos acerca do Haiti e que sintetiza, em alguma medida, o que estamos a dizer. Há um rito de condenação, levado a cabo por uma parte dos meios de comunicação, que corre à revelia das condicionantes históricas e sociais. O que se depreende desse discurso é que mais dia, menos dia, o Haiti e seu povo chegariam ao seu ocaso.

O discurso midiático conformando o outro

> *No Brasil, [e não só aqui] Haiti virou sinônimo de miséria e das piores mazelas da pobreza. Na França, designações comuns para o país caribenho incluem "nação patética" e "pedaço da África perdido no meio das Américas". (SCHWARTSMAN, 2010, p. on-line)*

Buscaremos demonstrar inicialmente, sempre a partir de recortes de reportagens e artigos publicados em nossa fonte, como o Haiti é representado, sobretudo sua capital, Porto Príncipe, que sintetiza, através de um discurso genérico, o Estado haitiano. Num segundo momento, sem que haja solução de continuidade, procuraremos demonstrar também como determinadas identidades, e estigmas, são (*re*)produzidos, a partir do caos desenhado nos discursos que informam sobre a topografia urbana de Porto Príncipe.

Porto Príncipe é o ponto nevrálgico do Haiti, onde todas as tragédias haitianas se materializam, onde os infortúnios causados pela depauperação de grande parte da população apresentam-se em sua forma mais cruel, sendo representada, no mais das vezes, como um arquétipo do caos. Sua população, algo em torno de dois e meio a três milhões de habitantes, - não existem dados precisos -, quase um terço, portanto, da população total do país, composta em grande parte por migrantes que abandonaram ou foram expulsos de suas terras no interior do país, sobrevive quase que indiferente em meio ao que os discursos midiáticos costumeiramente qualificam como a perfeita representação do caos.

Imagem 2 – Porto Príncipe, o arquétipo do caos

A capital haitiana é a exata medida da inação, da indiferença, do preconceito e do racismo que sempre pesaram sobre o Estado e sobre o povo haitiano, não mais que isso. Sem querer correr o risco de sermos reducionistas, poderíamos dizer que, em certa medida, é a partir de Porto Príncipe, para onde se dirigem os olhos e as lentes daqueles que nos *in*-formam, a imprensa nacional/internacional, que o Haiti é tragicamente apresentado (e representado) ao mundo, ficando o seu interior relegado a segundo plano, padecendo em silêncio as desgraças que câmeras e microfones não podem ou não querem captar.

A cidade de Porto Príncipe, quando descrita e retratada pela mídia brasileira, é sempre relacionada com o que há de pior no Brasil em termos não só de infraestrutura, mas também no que se refere à criminalidade e a miséria: "Porto Príncipe tem todas as mazelas de uma grande cidade latino-americana sem a infra-estrutura de outras" (GOMIDE, 2007, p. on-line). O Rio de Janeiro, ou melhor, as favelas do Rio de Janeiro, constituem o parâmetro a partir do qual a capital haitiana é representada e pensada. Na reportagem *Embrapa ajuda a monitorar o Haiti*, de 17 de julho de 2004, fica evidente o que procuramos assinalar quando o autor afirma que

> Favela é o que não falta no país, e nelas está parte do problema - gangues que

> a missão da ONU tem por objetivo desarmar. Ruelas estreitas tornam seu policiamento difícil. [...] "General, [Heleno[10]] Porto Príncipe é 80% Favela da Maré, 15% Parada de Lucas, e 5% Arrabalde de Madureira", disse um oficial de um destacamento precursor, fazendo um relatório na sua volta ao Brasil, citando locais da geografia da pobreza carioca. (NETO, 2004, p. on-line)

As representações haitianas, sobretudo aquelas que tratam da dinâmica das relações humanas, que se desenvolvem nas ruas, becos, ruelas, casas e casebres de Porto Príncipe, guardam uma relação, por vezes bastante próxima, com uma realidade bastante factível para a maioria dos brasileiros que ali se encontram e que, em última instância, são os responsáveis por fazer com que tais representações cheguem até nós. Os olhos que captam a realidade não conseguem, ou não são capazes, de transmiti-las sem que seja preciso ancorá-las[11] em outra que lhes seja familiar, no caso, as favelas cariocas.

Se por um lado é buscada uma aproximação com relação a uma realidade que possa transmitir ao leitor uma ideia do que se quer representar, por outro, busca-se contrastar essas 'realidades', momento em que o Haiti e os haitianos são representados, via de regra, como diferentes, como excrescências. As representações e as identidades haitianas são pensadas sempre a partir da diferença, do estranhamento sempre presente, lugar da memória discursiva, do interdiscurso. Tais identidades, sempre próximas ao bárbaro e ao abjeto, foram performaticamente construídas e conformadas, daí a importância e a presença constante dessas estruturas discursivas e narrativas, determinando o sentido dessas produções,

> Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação a qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis,

[10] O General-de-Exército Augusto Heleno Ribeiro Pereira foi nomeado o primeiro Forcer Commander das forças militares que atuaram no Haiti após o estabelecimento da MINUSTAH. Exerceu essa função no período compreendido entre junho de 2004 e setembro de 2005.

[11] O processo de ancoragem é central dentro do conceito das representações sociais de Moscovici, uma vez que dá conta dos caminhos percorridos no processo de conformação social, antes mesmo que tais discursos se tornem públicos, se manifestem. O autor enfatiza que classificar e dar nomes são dois aspectos dessa ancoragem das representações. Ancoragem é "[...] um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara a um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase como que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de nosso espaço social. [...] No momento em que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela."(MOSCOVICI, 2003, p. 61) Para saber mais ver MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais:* investigações em psicologia social. Trad. de Pedrinho Guareschi. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2003.

> em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é *natural*, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como *a identidade*. (SILVA, 2009, p. 80)

Em outro trecho, ao estabelecer um contraste entre uma base onde estão instalados os militares da MINUSTAH e os seus arredores, um bairro de Porto Príncipe, há uma generalização indiscriminada, uma "normalização" comum a esse tipo de discurso, que condena o *a*-normal, o diferente. O estranhamento é acentuado pelo antagonismo que se estabelece entre duas realidades tão próximas e tão distantes. Na reportagem *Soldados da China vivem em "oásis" no caos do Haiti*, de 30 de janeiro de 2005, podemos ver claramente o oásis e o caos:

> Em meio ao caos que continua a dominar o cotidiano dos moradores de Porto Príncipe, a capital do Haiti, quase um ano depois da queda do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, o acampamento instalado pelos capacetes azuis (soldados que participam de missões de manutenção da paz ou de estabilização das Nações Unidas) chineses é um oásis de disciplina e de limpeza. (CAROIT, 2005, p. on-line)

O caos que caracteriza Porto Príncipe nesses discursos contrasta com o oásis de disciplina e limpeza dos chineses, deixando evidente a *diferença* entre uns e outros.

Em outros momentos tais representações beiram o realismo fantástico de Alejo Carpentier, retratado em sua obra singular sobre o Haiti revolucionário *O reino deste mundo*, 1949, que, buscando suas referências em outros meios que extrapolam as experiências pessoais e/ou aquelas ligadas à determinada realidade vivida, criam um mundo deslumbrante, descomedido e místico.

Podemos ver um exemplo do que estamos dizendo em outro recorte da reportagem *Brasileiros patrulham cenário apocalíptico*, de 05 de fevereiro de 2006, onde o enviado especial da Folha de São Paulo a Porto Príncipe descreve uma experiência junto às tropas da ONU em Cité Militaire, outro local considerado crítico nos primeiros anos da ocupação. A descrição do repórter termina com a utilização de uma imagem que, provavelmente conhecida da grande parte dos leitores, resume bem a perspectiva reservada ao Haiti:

> A tensão interrompe a conversa, e os dedos se aproximam do gatilho dos fuzis [...] Às 20h, a maior parte de Cité Militaire parece uma cidade deserta e arrasada. Sem fornecimento regular de energia, a iluminação noturna vem da Lua crescente, e não dos postes apagados e dos precários casebres às escuras. Poucas pessoas transitam nas ruas, e de vez em quando uma grande vela

> vermelha ilumina uma ou outra barraca que insiste em vender comida. O jipe chega rapidamente ao ponto forte oito da missão brasileira, considerado o mais vulnerável a ataques armados. Com 60 homens, tem a base principal dentro de uma espécie de depósito cercado por uma imensa área livre, onde foram empilhados contêineres para bloquear os tiros antes disparados dos telhados das casas vizinhas. O cenário lembra o apocalíptico "Mad Max". (MAISONNAVE, 2006, p. on-line)

Mad Max, filme apocalíptico lançado em 1979, trata de um colapso global ocorrido em razão de uma guerra, travada entre potências mundiais, motivada por uma crise aguda de petróleo, que faz do planeta terra um lugar deserto e sem lei, tomado por legiões de semisselvagens que ameaçam a tudo e a todos. A utilização desse ícone das telas para ilustrar a realidade haitiana parece ser o coroamento de uma descrição que já não deixava dúvidas quanto à precariedade das condições de uma cidade "deserta e arrasada", cujos habitantes, tal qual ratos, saídos de "precários casebres às escuras", se arriscam para obter algo para sua subsistência em uma barraca que, ao que parece, desafia um perigo latente e "insiste em vender comida".

O ponto forte oito aparece como uma daquelas fortalezas do filme, totalmente cercada e protegida contra a constante ameaça de bandos de indigentes que lutam para sobreviver e que buscam ali a sua redenção. Isso pode ser confirmado quando, ao final dessa mesma reportagem, o repórter dá voz ao discurso do tenente - provavelmente do Exército Brasileiro - Clodoaldo Pires Filho, 26. Clodoaldo diz que a rotina vivida ali "é uma combinação de tensão e tédio [...] De cá, parece tudo tranqüilo. Mas nunca se sabe o que vem do lado de lá." (MAISONNAVE, 2006, p. on-line). O perigo, o medo e a insegurança fazem parte do cotidiano desses homens, e não só deles, alimentando a ideia de que nenhum lugar da ilha é seguro e que o inimigo, o haitiano, está sempre à espreita.

Esse é, no mais das vezes, o papel reservado ao haitiano nos discursos produzidos acerca dos fatos que o cercam e da sua história. Essa é uma perspectiva que orienta os olhares dirigidos ao Haiti, pois ao que parece "até os dias de hoje, aos haitianos não foi concedida a entrada – de forma cabal – à condição humana." (SCARAMAL, 2006, p. 11) É o discurso que condena, que desumaniza ao mesmo tempo em que bestializa, que reserva ao haitiano, e não só a ele, uma posição secundária e marginal nos discursos que os retratam.

Em outro trecho podemos corroborar novamente as nossas assertivas. O povo haitiano, uma vez mais, é representado através de tipos vis, abjetos e brutais. Na reportagem *Haiti vota em meio a tumulto e mortes*, de 08 de fevereiro de 2006,

Maisonnave, que cobriu as eleições presidenciais de 2006 como enviado especial da Folha de São Paulo, afirma que

> A primeira eleição haitiana após a queda de Jean-Bertrand Aristide foi marcada por pelo menos quatro mortes, invasão de um centro eleitoral, gás lacrimogêneo, tiros para o alto e a imensa sombra do ex-presidente, exilado desde fevereiro de 2004 [...] Na capital, um homem de 74 anos acabou asfixiado no tumulto, e uma mulher teve um infarto. Em Gros-Morne (norte), um policial matou um homem perto de um posto de votação e acabou morto pela multidão, [...] A reportagem da Folha acompanhou a caótica votação no prédio da Circulação e Serviços de Transportes [...] Dentro, duas filas de ao menos 300 mulheres grávidas, idosos e deficientes físicos mostravam a disposição em votar, o que não é obrigatório no Haiti. À frente das filas, havia uma mulher grávida de oito meses e um rapaz que se movimentava com as mãos [...] Do lado de fora, os policiais haitianos desistem de segurar o portão e tentam deixar apenas algumas pessoas entrarem. Impossível. Os idosos e as mulheres grávidas tentam se proteger numa sala enquanto a multidão avança. O rapaz paraplégico é colocado sobre um dos carros semidestruídos que se acumulam no pátio.
>
> Uma moto tenta sair do pátio e é atropelada pela multidão. A polícia começa a dar coronhadas, mas, em minoria, foge e deixa todos entrarem. Ao menos seis são pisoteados. Uma menina com fratura no joelho chora. Uma patrulha brasileira de jipe foge. [...] A gritaria é ensurdecedora. [...] No fundo do pátio, um soldado brasileiro chama a atenção para uma mulher grávida que chora sentada. Ao lado, outra grávida joga água em sua barriga de oito meses. Por que não volta para casa? "Quero ficar e votar", diz, torcendo o vestido. "Quero paz." (MAISONNAVE, 2006, p. on-line)

Ao que parece, no centro de votação em questão existiam apenas dois grupos distintos de cidadãos: o primeiro, caracterizado principalmente pela violência que disseminava, é apresentado como um grupo de bárbaros e selvagens que, em tropel, destruía tudo o que surgia a frente, desafiando a polícia local e as patrulhas da MINUSTAH, tomado por uma cólera aparentemente inexplicável; o segundo grupo, formado por mulheres grávidas, idosos e deficientes físicos, ou seja, um grupo de incapazes, surge como vítima do primeiro. Em suma, não existe meio termo. Os discursos da Folha de São Paulo buscam construir um quadro caótico, não fugindo, por não conseguir ou por não querer, do quadro que orienta os discursos que buscam retratar e evidenciar a sanha haitiana como um primitivismo, uma inferioridade e uma degeneração atávicos.

Uma declaração dada pelo General Heleno é bastante esclarecedora com relação ao que buscamos demonstrar acerca do papel da imprensa e dos discursos midiáticos dirigidos ao Haiti e ao seu povo. Segundo ele

> Há uma definição interessante de notícia “de que esta seria tudo aquilo que alguém não quer ver publicado” [...] No Haiti, a imprensa e os

> correspondentes estrangeiros, principalmente, estão ali para passar ao resto do mundo a idéia de desorganização, e eles não só transmitem essa idéia, como exageram para valorizar o seu próprio trabalho. (PEREIRA, 2005, p. 14)

Esta é a perspectiva que norteia as produções e os discursos midiáticos acerca do Haiti, deixando transparecer, assim, a permanência de uma prática discursiva sempre latente, que emerge no calor dos acontecimentos, sobretudo nos momentos de crise. À imprensa, como afirmou Heleno, interessa não somente a informação, mas o espetáculo, corroborando nossa perspectiva acerca do papel desempenhado pela mídia na produção de sentidos e subjetividades que, perpassando os domínios memorialísticos e historiográficos, acabam conferindo ao objeto que *re*-tratam determinadas representações e identidades que, pela ação performática do discurso, acabam se cristalizando.

A "ideia de desorganização" e os "exageros", apontados por Heleno, que acabam caracterizando as produções midiáticas, textuais e imagéticas, referentes ao Haiti, estão inseridas no que poderíamos denominar de *continuum* discursivo, cujas origens poderiam ser examinadas, como buscamos demonstrar, na formação do Estado haitiano, ou ainda antes. Esse suporte, que não é exclusivo do Haiti, mas que emerge aí de maneira mais evidente, e orienta grande parte das produções dirigidas à América Latina como um todo, busca se afirmar justamente no excesso, no extravagante, no extraordinário.

Considerações Finais

As descrições e os relatos referentes ao ambiente social em que se desenvolvem as lides haitianas, lugar das trocas simbólicas, no qual o povo representa e é representado, evidenciam, antes de tudo, o sentido que se quer dar a esses discursos. O Haiti, sua história, sua cultura e seu povo estiveram ligados a uma prática discursiva que buscou representá-los como o oposto assimétrico do ideal colonizador, sendo relegados, assim, ora a uma não-condição, ou, o que não é menos usual, a um modelo a ser evitado e, quiçá, combatido.

Porto Príncipe, a capital haitiana, sintetiza, pela maneira como é representada, as variantes de um discurso que se estrutura a partir de categorias estigmatizadoras e excludentes. As descrições e os relatos colocam diante dos olhos do leitor imagens degradantes, nas quais sobressaem, invariavelmente, aspectos ligados à

imundície, à violência, à desordem e ao caos.

Situações corriqueiras são retratadas sob uma ótica que privilegia apenas o que excede, o que choca, o que conforma. O sentido presente nas atividades que se desenvolvem nesse ambiente acaba eclipsado por uma lente que não pode ou não quer perceber aquele ambiente dentro de sua especificidade, de sua historicidade. O olhar do observador, já contaminado pelo discurso, reproduz o que dele se espera. O discurso midiático, que "só faz alimentar a satisfação autocentrada dos países ditos ocidentais" (THOMAZ, 2010, on-line), constitui o arcabouço que sustenta essa visão.

Imagem 3 – O discurso midiático, anti-haitianista, nos fez prisioneiros.

A primeira mudança que se deve operar para que aos haitianos [...] "seja concedida a entrada – de forma cabal – à condição humana" (SCARAMAL, 2006, p. 11), depende, única e exclusivamente de *nós*, sendo, antes de tudo, uma questão de alteridade. O haitiano não é fonte e causa do problema, que reside, principalmente, ao que nos parece, na maneira com que uma grande parte de nós foi orientado a perceber o homem haitiano, se apropriando, acriticamente, de um discurso que, como afirmamos reiteradas vezes, cumpriu e ainda cumpre muitíssimo bem os propósitos para os quais fora engendrado.

Esperamos que os esforços materializados nessas poucas páginas possam contribuir para que futuras leituras acerca deste tema sejam feitas, não perdendo de vista

a singularidade que, por vezes, imersa numa historicidade incomum, acaba deixando margem para que um discurso pérfido a condene. O povo haitiano tenta se reerguer de mais uma tragédia - o sismo de 12 de janeiro de 2010 -, contando, para isso, com uma ajuda que, muito embora as repetidas promessas e compromissos, chegou, quando chegou, de forma pontual. Não estando a ajuda pretendida ao alcance de nossas mãos, façamos, então, o que nos cabe: desconfiar de um discurso que, em maior ou menor medida, também nos fez, e nos faz, prisioneiros.

Fontes das Imagens

Imagem 1. Partido da Causa Operária (PCO). Coletivo de Negros do PCO. Banco de Imagens. Fonte: <http://www.pco.org.br/banco_arquivos/conoticias/imagens/36285.jpg>. Acesso em 22/08/2012.

Imagem 2. Los Stones/Wordpress.Março/2011 Haiti ira eleger seu presidente neste domingo (Haiti) Fonte: <http://losstones.files.wordpress.com/2011/03/haiti-foto-principal.jpg>. Acesso em: 23/08/2012.

Imagem 3. Haiti: seu povo, sua história, sua luta! Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Fonte: < http://www.pstu.org.br/cont/2009dez_cartilhahaiti.pdf>. Acesso em: 24/08/2012.

Referências Bibliográficas

CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo.* Trad.: João Olavo Saldanha. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1985.

CAROIT, Jean-Michel. *Soldados da China vivem em "oásis" no caos do Haiti*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 30 jan. 2005. Mundo. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3001200507.htm>. Acesso em: 22/04/2010.

FERNANDES, Cleudemar A. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. Goiânia : Trilhas Urbanas, 2005.

GOMES, Flávio S.. *Experiências transatlânticas e significados locais*: idéias, temores e narrativas em torno do Haiti no Brasil Escravista. Tempo - Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, v. 13, n. 1, pp. 209-246, 2002.

GOMIDE, Raphael. *Gangues se instalam no interior do Haiti*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 02 mar. 2007. Mundo. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0203200706.htm>. Acesso em: 19/04/2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades.* Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 04, p. 12-26, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NETO, Ricardo Bonalume. *Embrapa ajuda a monitorar o Haiti*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 17 jul. 2004. Ciência. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1707200402.htm >. Acesso em: 19/04/2010.

NISHIKAWA, Reinaldo. B.. *O Haiti é aqui?* O discurso antiescravista no Brasil e a prática escravista. Revista História Hoje (São Paulo), Curitiba, v. 03, n. 08, 2005.

MAISONNAVE, Fabiano. *Brasileiros patrulham cenário apocalíptico*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 05 fev. 2006. Mundo. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0502200602.htm>. Acesso em: 23/04/2010.

_____ ; ARAÚJO, Jorge. *Haiti vota em meio a tumulto e mortes*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 08 fev. 2006. Mundo. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0802200601.htm >. Acesso em: 26/04/2010.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais:* investigações em psicologia social. Trad. de Pedrinho Guareschi. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA, Augusto Heleno Ribeiro. Palestra *Operação de Paz no Haiti***.** Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Brasília: outubro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/gsi/SAEI/paginas/operacaodepaznohaiti.pdf>. Acesso em: 08/10/2009.

SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti:* fenomenologia de uma barbárie. Goiânia: Cânone Editorial, 2006.

SERRA, Giane Moliari Amaral . *Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na Revista Capricho*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001. 136 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença.* A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHWARTSMAN, Hélio. *Graças ao açúcar, "pedaço da África" já foi uma "pérola"*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 14 jan. 2010. Mundo. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1401201013.htm>. Acesso em: 19/04/2010.

THOMAZ, Omar Ribeiro. *O Haiti estava de joelhos;* agora, está prostrado. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 14 jan. 2010. Mundo. Disponível em: < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1401201002.htm>. Acesso em: 07/05/ 2010.

VASCONCELOS, Alex Donizete. *A MINUSTAH e a alteridade*: representações e identidades haitianas nos discursos da ONU e da Folha de São Paulo (2004-2010). 2010. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em História) – Programa de

Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

Recebido em agosto de 2012
Aprovado em dezembro de 2012.